

Cadernos Espinosanos



ESPECIAL MARILENA CHAUI

ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 36 jan-jun 2017 ISSN 1413-6651

IMAGEM foto dos livros de Marilena Chaui por Henrique Piccinato Xavier

MÚLTIPLA

Silvana de Souza Ramos

Professora, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

ramos_si@hotmail.com

RESUMO: Texto escrito em homenagem a Marilena Chaui, onde destaco o papel da pensadora em questão na minha formação intelectual no intuito de esclarecer a concepção de filosofia desenvolvida por ela, tanto em seus escritos quanto em sua prática didática. Trata-se de destacar o caráter democrático da produção do saber, bem como a exigência de multiplicidade expressa por essa concepção.

PALAVRAS-CHAVE: Marilena Chaui, filosofia, amizade, liberdade, democracia.

I

No final dos anos 1990, eu era formalmente estudante de graduação do curso de filosofia, mas dedicava meu tempo muito mais ao teatro do que à vida acadêmica, pois imaginava ser aquele o meu verdadeiro lugar. Havia entre os meus colegas de curso alguns que se consideravam escolhidos pela filosofia e se comportavam como futuros professores. Outros, como eu, ainda estavam em busca de sua maneira de se relacionar com a filosofia. Estes, ao contrário daqueles, não entendiam muito bem o que era ler um texto filosófico, não sabiam o que fazer para manejar esse conhecimento tão peculiar exigido pelo rigor conceitual. Eu não tinha nenhuma pretensão de seguir a carreira acadêmica. Digo isso porque entrar no mestrado era uma coisa completamente distante para mim: significava muita coisa, e eu não me considerava uma candidata a tal posto.

Foi então que o professor Moacyr Novaes, do qual eu era aluna, me aconselhou a participar da seleção, realizada regularmente pelo Departamento de Filosofia, para o Programa de Iniciação Científica, do qual ele era coordenador na época. Eu argumentei que não sabia o que pretendia estudar e ele me disse para pensar em alguma coisa que me interessasse. Então, eu fiz as provas de redação e de idioma. Havia ainda uma banca, onde o aluno falava a respeito dos seus interesses. Eu disse sinceramente que me dedicava ao teatro, mas que se havia a oportunidade de me aprofundar nos estudos de filosofia, eu gostaria de fazer uma pesquisa sobre a dimensão ética e política da amizade. Eu havia feito uma disciplina com o professor Sérgio Cardoso sobre Michel de Montaigne e, nesse curso, cujo tema era o arrependimento, havia lido o famoso texto sobre a amizade, publicado no primeiro livro do *Ensaíos*.

Então, na entrevista, eu me propus a estudar esse assunto. Foi o que me pareceu mais interessante naquele momento.

Dias depois, o resultado foi colocado no mural do Departamento de Filosofia e, para a minha completa surpresa, o meu nome estava entre os aprovados e, ao lado, estava indicado um orientador, no caso, Marilena Chaui. Eu fiquei estupefata. Primeiro porque eu nunca havia sido aluna dela, só a conhecia por textos e conferências. Segundo, porque nunca havia passado pela minha cabeça ser orientada por ela, nem como hipótese remota. Na reunião com os alunos aprovados, o professor Moacyr Novaes explicou as atividades que seriam realizadas, as tarefas, a vigência das bolsas e, no final, disse que todos deveriam procurar seus respectivos orientadores.

Eu fiquei em pânico: “Falar com a Marilena Chaui? Vou falar o quê? Oi, eu sou a Silvana...”. Passei dias tentando encontrar coragem para ir à sala dela e dizer alguma coisa. Mas palavras para: “Vou gastar o tempo dela, vou atrapalhar com bobagens; não, preciso preparar um texto, entregar algo escrito, é o mínimo”. Dois meses se passaram, e eu nessa angústia. Até que Moacyr me procurou: “Falei com a Marilena e ela me disse que você nunca apareceu para conversar sobre orientação”. Eu respondi: “Mas eu ainda não sei o que dizer”. Com extrema paciência, ele respondeu: “Vá até a sala agora e simplesmente se apresente, é ela quem vai te orientar”. Eu fui, me apresentei e ela disse: “Finalmente você apareceu”. Pedi desculpas, expliquei que havia estudado um pouco e que tinha descoberto um texto de Montaigne, um ensaio chamado “Da arte de conversar”, publicado no terceiro livro dos *Ensaíos*, texto que eu achava difícil, mas que eu gostaria de ler. Ela ficou radiante: “Adoro esse texto. Vamos ler juntas! Faça uma cópia do texto, venha na próxima semana, nesse mesmo horário, e vamos começar o trabalho”.

Na semana seguinte eu estava lá, ainda intimidada pela situação. Marilena pegou o texto e decretou: “Vamos ler um parágrafo por semana”. E foi mais ou menos assim: ela lia uma frase, explicava o sentido das palavras usadas, a origem delas, o argumento que se formava, discursava sobre o tipo de construção do texto, sobre os aspectos retóricos, sobre os prováveis interlocutores. Passeava pela história da filosofia, pelos problemas da ética e da política. E assim, cada frase era um mundo que se abria. Eu ouvia aquilo tudo com total atenção, ficava com uma caneta na mão, mas não tinha coragem de anotar nada. Tinha medo de que ela me visse anotando alguma coisa errada. Eu só pensava: “Já que você não tem coragem de anotar, guarde tudo na cabeça”. Claro que eu não abria a boca. Saindo dali eu arrolava tudo o que conseguia lembrar: as expressões, as referências, tudo. Isso durou uns dois meses. Conseguimos avançar três parágrafos.

Num dos nossos encontros, Marilena me olhou e disse: “Nós lemos juntas os primeiros parágrafos. Agora, eu quero que você leia sozinha o próximo. Traga-me por escrito e nós vamos discutir a sua leitura”. Fui para casa, eu e o meu parágrafo. Aquele parágrafo havia se tornado a razão da minha existência. No caminho, no ônibus, toda aquela angústia do primeiro encontro voltou, e agora ainda mais forte: “Vou conseguir fazer isso sozinha? Se eu escrever qualquer besteira, pode ser o fim. Ela vai se dar conta de que perdeu tempo com alguém que sequer sabe se vai continuar estudando filosofia”. Passei dois meses trabalhando nesse parágrafo. Primeiro, tentei fazer uma síntese dos movimentos anteriores, juntei as minhas anotações, as pesquisas que eu havia feito, organizei tudo. Depois, estabeleci um sentido global para o meu parágrafo: era uma virada na argumentação, quando Montaigne começava a mostrar que a arte de conversar exige uma relação entre iguais. Argumentei que

essa leitura nos encaminhava para o sentido global do ensaio: à ideia de que a construção do saber só se realiza no interior de uma relação de amizade e de liberdade.

Finalmente, depois de receber mais uma advertência do professor Moacyr por demorar tanto, voltei à sala de Marilena Chaui. Entreguei o meu texto. Ela leu ali mesmo, compenetrada. No final, abriu um grande sorriso, os olhos brilhantes: “Muito bem, dona Silvana, a partir de agora você é minha orientanda”. Naquele momento, eu senti alguma coisa tão grandiosa, tão forte, algo que eu não posso explicar. Eu sabia que tudo mudaria a partir dali – era um bom encontro, que a fortuna me deu, assim, por capricho; encontro que mudaria o lugar da filosofia na minha vida. Eu sabia disso. O que eu ainda não sabia, porém, e começava pouco a pouco a compreender, é que Marilena Chaui não era esse ser superior, intocável, solitário na sua genialidade, brilhando sozinha num pedestal. Isso era apenas a minha fantasia sobre Marilena e sobre a própria filosofia. Eu as imaginava assim. Marilena, alguém que não perderia tempo com uma aluna sem rumo. Um ser uno, indivisível, inacessível. A filosofia, saber de poucos e para poucos iluminados. Tola fantasia, imagem vã que se desfaz todos os dias desde que Marilena e, com ela, a filosofia, passaram a ter um papel de protagonismo na minha vida.

II

Eu me formei, entrei no mestrado, fiz minha dissertação sobre Montaigne. Ficou meio mal-ajambrada, porque, embora eu tivesse me reorganizado para aprofundar minhas leituras, ainda estava um pouco

dividida entre o teatro e a filosofia. Porém, quando entrei no doutorado, passei a frequentar assiduamente o Grupo de Estudos Espinosanos. Decidi estudar fenomenologia francesa. Abandonei outros interesses e coloquei a filosofia em primeiro plano. Foi então que eu entrei definitivamente nessa rede de relações e de produção coletiva de conhecimento alimentada pela figura de Marilena Chaui e, principalmente, pela sua maneira de fazer filosofia e de ensinar filosofia, se é que podemos separar essas duas atividades. E foi finalmente ali, no Grupo de Estudos Espinosanos, que eu compreendi Marilena, esse ser *singular*¹, e, acrescento, *múltiplo*, múltipla Marilena Chaui.

Múltipla não apenas porque consegue agir em registros tão diferentes: na Universidade, na sala de aula, no lugar de orientação de pesquisa, no partido, no governo, no jornal... não se trata apenas disso. Marilena transforma cada um desses espaços, ocupados por ela, e pelas pessoas que ali circulam, em ilhas de desordem. Lugares em que as relações de poder e de saber se transformam, desvirtuam-se e se desburocratizam. Lugares em que as dissimetrias não se apagam simplesmente (as diferenças entre os especialistas e os curiosos, entre os professores e os alunos, entre os militantes e os filósofos); de algum modo, elas se resolvem, se rearticulam, mas nunca se transformam em relações de mando e de obediência. Eu gostaria de salientar que isso não é nada fácil. Há, sim, muita alegria em nosso Grupo, há diversidade e há também invenção. Mas nós sabemos o trabalho hercúleo que a sustentação desse Grupo demanda. O trabalho enorme despendido para que as atividades desenvolvidas no interior dele se deem dessa maneira. O trabalho descomunal

1 Remeto o leitor ao belo texto da professora Tessa Moura Lacerda, publicado nesse número.

exigido por uma vida democrática, que às vezes falha e precisa se reinventar. Trabalho que se ancora na dedicação de cada membro do Grupo, pois todos são responsáveis pela produção do saber ali desenvolvido. Marilena se coloca como uma das partes desse todo, desse corpo que se renova e se reinventa a cada geração.

Os *Cadernos Espinosanos*, publicação que chega agora ao número 36, são de certo modo o registro dessas mudanças: não são apenas as capas que se transformam, mas também o conteúdo e a direção das pesquisas realizadas, as quais expressam diferentes fases do Grupo, às vezes concentradas no estudo do século XVII, às vezes voltadas para a filosofia contemporânea. Essas mudanças não são impostas por Marilena, pelo contrário, elas são trazidas pelos novos integrantes do Grupo, pelas mudanças de interesse que se articulam ali dentro. Marilena às vezes embarca de cabeça nessas pesquisas, às vezes se recolhe, como quando resolvemos ler Kant. E isso durou mais de um ano... temos bons momentos, momentos difíceis, de crise, como qualquer coletivo. O que não muda, porém, é o tipo de elo que nos une: a amizade e a liberdade.

III

Para terminar essa minha pequena narrativa, vou remetê-los a outro filósofo que aparece na obra e na vida de Marilena Chaui. Refiro-me a La Boétie, o amigo de Montaigne, a quem foi dedicado o ensaio sobre a amizade. La Boétie escreveu, no *Discurso da Servidão Voluntária*, que a amizade é uma “coisa santa” e um “nome sagrado” (LA BOÉTIE, 1999, p. 35). Isso depois de fazer uma severa crítica à servidão enquanto “devoção” (IDEM, p. 31), isto é, à servidão supersticiosa ao nome do

Um, servidão compreendida como uma atitude perante o poder que extrapola a mera obediência política. É claro que há certa ironia na sacralização da amizade. Afinal, o exercício do poder, segundo mostra La Boétie, ao ser sacralizado, separa-se imaginariamente da comunidade que o sustenta, razão pela qual o poder transcendente aparece como uma imagem capaz eclipsar relações reais de mando e de servidão, as quais hierarquizam a sociedade tornando-a tirânica. Pois, a partir do momento em que alguns se rendem à servidão, elevando um dos seus à condição de tirano, estrutura-se uma sociedade baseada na dominação. Os poucos que elevam o tirano, fazem-no no intuito de tiranizar os que estão abaixo. Em outras palavras, estes servem ao tirano para que possam se tornar tiranetes.

A imagem do poder transcendente é, portanto, a contrapartida de uma sociedade onde não há liberdade, já que ela exige a servidão e a devoção ao tirano, tampouco amizade, já que ela não se baseia em relações de igualdade, mas sim em relações de mando e de obediência. Em um dos comentários escritos a respeito do *Discurso da Servidão Voluntária*, Marilena Chaui retoma a questão colocada pelo filósofo quinhentista:

[...] por que servimos voluntariamente o que nos destrói? A resposta é terrível: consentimos em servir porque esperamos ser servidos. Servimos ao tirano porque somos tiranetes: cada um serve ao poder separado porque deseja ser servido pelos demais que lhe estão abaixo; cada um dá os bens e a vida pelo poder separado porque deseja apossar-se dos bens e das vidas dos que lhe estão abaixo. A servidão é voluntária porque há desejo de servir, há desejo de servir porque há desejo de poder e há desejo de poder porque a tirania habita cada um de nós e institui uma sociedade tirânica. Haver tirano significa que há sociedade tirânica. É ela e somente ela que dá poder ao tirano e o conserva ali onde o colocou para malfazer” (CHAUI, 2013, p. 129).

Do ponto de vista político, a servidão voluntária desvela o domínio social do desejo de poder. Assim, notamos que a servidão voluntária é produtora de tirania porque aceita servir em troca da satisfação do desejo de mando. Do ponto de vista do conhecimento, a sacralidade imaginária do poder do *Um* faz com que o tirano apareça como *outro*, transcendente, separado da sociedade, quando, na verdade e de fato, a tirania é sustentada por cada um dos tiranetes organizados na pirâmide que dá corpo a essa sociedade. Onde há tirania, há sociedade tirânica. Quer dizer, embora o feitiço do *Um* separe imaginariamente o nome da coisa, de fato, o tirano não é um *outro*, exterior à sociedade que o sustenta.

Voltemos, então, à amizade, isto é, ao avesso da experiência tirânica. La Boétie termina o *Discurso da servidão voluntária* dizendo que a tirania não é coisa de Deus. Se há algo que possa de fato receber a alcuinha de sagrado, trata-se da amizade. Mas a amizade é ao mesmo tempo “coisa santa” e “nome sagrado”. Ela não pode ser mera imagem de um poder absoluto e transcendente ou, ainda, feitiço de um nome que não teria alicerces fincados no real. A devoção ao *Um*, salienta La Boétie, é ilusão de mando e de vantagem sob a qual se experimenta a servidão e a solidão em todos os níveis. Servidão que redunde, portanto, na impossibilidade de construir uma vida comum, isto é, baseada na companhia, no entre-conhecimento, na partilha do saber e do próprio poder. A tirania hierarquiza a sociedade ao mesmo tempo em que uniformiza o elo que amarra seus membros entre si: é a servidão que os mantém atados uns aos outros:

[...] o tirano nunca é amado nem ama: a amizade é um nome sagrado, é uma coisa santa; ela nunca se entrega senão entre pessoas de bem e só se deixa apanhar por mútua estima; se mantém não

tanto através de benefícios como por meio de uma vida boa; o que torna um amigo seguro do outro é o reconhecimento que tem de sua integridade; as garantias que tem são sua bondade natural, a fé e a constância. Não pode haver amizade onde está a crueldade, onde está a deslealdade, onde está a injustiça; e entre os maus, quando se juntam, há uma conspiração, não uma companhia; eles não se entre-amam, mas se entre-temem; não são amigos, mas cúmplices (LA BOÉTIE, 1999, p. 35-36).

A amizade não se faz sustentando-se no desejo de possuir coisas e benefícios, cujo meio de obtenção seria a submissão e o mando, obra tecida por aqueles que se entre-temem. A riqueza que pode advir da amizade, uma vida boa, constrói-se, ao contrário, por meio de relações tecidas pela liberdade. Sendo assim, é a coisa mesma, a amizade mesma que é santa ou sagrada, porque ela não é uma ilusão transcendente que exige devoção, mas sim a experiência comum de homens e de mulheres livres. A amizade recusa internamente a solidão porque ela é tecida na confiança, isto é, na *fides*, no entre-conhecimento e na companhia. Ela é uma experiência de conhecimento, além de ser uma experiência ética, social e política. Ser livre não significa trazer em si uma multiplicidade contida por uma singularidade solitária. Trata-se, ao contrário, de uma multiplicidade que se conquista no interior de uma rede de diferentes relações as quais, por sua vez, se multiplicam. Ser livre exige ser múltiplo e diverso; ser múltiplo exige ser parte e, mais que isso, tomar parte de um todo que se expande em múltiplas direções. A tirania, por sua vez, é a experiência da solidão, do medo, e do mesmo. Por isso, segundo nos ensina La Boétie, é impossível ser múltiplo na solidão.

Minha homenagem a Marilena Chaui é um singelo testemunho dessa experiência de multiplicidade que ela é e propaga. É um agradecimento sincero por ter sido acolhida naquele dia, anos atrás, quando

a procurei para que ela me orientasse no pensamento. Foi o capricho da *fortuna* que desenhou o nosso encontro, mas foi a amizade que nos manteve e nos mantêm unidas. Eu tenho muito orgulho de ter sido sua aluna. É uma alegria e uma responsabilidade sem tamanho fazer parte desse Grupo e dessa história.

MULTIPLE

ABSTRACT: Text written in honor of Marilena Chaui, where I emphasize the role of the thinker in question in my intellectual formation in order to clarify the conception of philosophy developed by her, both in her writings and in her didactic practice. It is important to emphasize the democratic character of the production of knowledge, as well as the demand for multiplicity expressed by this conception.

KEYWORDS: Marilena Chaui, philosophy, friendship, freedom, democracy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHAUÍ, M. (2013). *Contra a Servidão Voluntária*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

LA BOÉTIE, E. (1999). *Discurso da Servidão Voluntária*. [Comentários] Claude Lefort, Pierre Clastres e Marilena Chaui. Trad. De Laymert G. dos Santos. São Paulo: Brasiliense.

MONTAIGNE, M. (1952). *Essais*. [nouvelle édition conforme au texte de l'exemplaire de Bourdeaux avec les additions de l'édition posthume, les principales variantes, une introduction, des notes et un index par Maurice Rat]. Livre Premier. Paris : Classiques Garnier.

_____. (1952). *Essais*. [nouvelle édition conforme au texte de l'exemplaire de Bourdeaux avec les additions de l'édition posthume, les principales variantes, une introduction, des notes et un index par Maurice Rat]. Livre Troisième. Paris : Classiques Garnier.